

Poemas pandêmicos: ser como palavra profana...

Nicotí¹

Me chamo Luis Henrique Carneiro Santos (Nicotí), tenho 27 anos, nasci em Marabá-PA, sou estudante de Letras Português na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), pai falecido, mãe guerreira. Meu interesse por poesia e literatura surgiu desde muito cedo, quando criança minha mãe inventava histórias e nos contava antes de dormir, não tinha livros, tudo era muito difícil, principalmente porque mamãe era solteira e tinha 3 filhos para criar, todavia, a casa sempre foi repleta de arte, desde os crochês espalhado pela casa , às noites em que os amigos e familiares se reuniam no terreiro e me colocavam pra dançar Michael Jackson, eu achava tudo fantástico e mal percebia que ali foi o começo de uma paixão avassaladora e criativa. Hoje não procuro fama, reconhecimento ou mesmo destaque em alguma coisa que eu faço. A poesia se tornou para mim uma real necessidade, um refúgio do caos tumultuado que é minha realidade, não uma fuga e sim uma sensação de liberdade.

1) Nicotí é Luis Henrique Carneiro Santos – Graduando em Letras na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá. Portfólio: Instagram - @eunicoti. E-mail: santisantos0000@gmail.com.

Fluxo de Pensamento Cannabis-Trativo

A Luz dos que na
boêmia descobrem
um universo de
possibilidades.
Que verbal e
existencialmente
deflagram a realidade.
Que golpeiam
com navalhas
verbais, poetas,
poetisa, poetas.
Tras em mim
a vontade de
morar na poesia.

Vejam!

Reúnam vossas forças
e convidamos estas forças
Para nos auxiliarem no
findar deste labor.
Vejam!
A poesia está sendo consumida
O que antes nutria vida,
Hoje alimenta a morte
e cultiva o horror.
Veja!

Serena

Ouvi cantar Serena
Canto de lua,
Menina cantar.

Cata pra mata criança!
É o teu canto que faz
Girar, mundo girar.

Ouvi cantar Serena
Em noite de lua,
Menina cantar.

Comboio de Lata

Porque ruminas o verbo,
Mastiga a palavra
Como quem desperdiça.
Habitas no silêncio,
Monstro devorador.

Que música é essa
Que somente
Os teus ouvidos escutam?

Monstro de lata,
Comboio de sucata,
Do ferro.
Germina a dor.

Trem desgovernado
No palco do absurdo
Os teus meninos perfumados
Falam sem parar.

A ti nada é requisitado.
A ruína é o teu legado.
Os que reivindicam
Não irão implorar.

Primeira Namorada

Menina banhada de sol
Marabeleza!
A natureza que esse solo tem.
Como pintada em tela,
Marabela!
É triste ver tua pele rasgada
Por trilhos de trem.

Ponto de partida e findar da estrada,
Ainda me vejo menino
A correr nas tuas tarde ensolaradas.
Aqui! neste solo quente,
Esta gente,
Como semente semeada.

Horas Sórdidas

Nessas horas que te paralisam
Um todo nada numa ânsia sem ação
É querer ver o mundo sem a lente da imaginação
É buscar sem ter vontade de encontrar.

Se a vida é construção
O que nos resta é sermos
Arquitetos da ignorância?

Se tem pouco,
Lembre-se de dividir o pouco que tem,
Pois aos que têm pouco
E são mesquinhos avarentos
até o pouco que têm lhes será tirado.

Mentiras sinceras

Sempre tive cá comigo uma pretensão:
Passar pela vida sem fazer alarde.
Fiz uns rabiscos na parede,
Logo apaguei.
Minhas mentiras são sinceras.

Minha respiração profunda
Leva-me a uma parte de mim que eu desconheço.
Sofro de uma sede insaciável.
Busco refúgio nos compartimentos
Que criei em caso de me sentir ameaçado.

Não é fácil me olhar nos olhos,
Não quando se consegue ver a própria alma.
Verbo ceifador!
Tua palavra é cortante.
Não deixe passear no papel
A tinta feita do sangue dos inocentes.

Neste solo árido e infértil
Vós sois sementes.
Há no mundo das incertezas
Uma verdade sublime:
Quem fala com o coração
Nunca mente.

Barco sem velas

A contar ladrilhos,
Tatear parede de cimento grosso,
Escavar a terra à procura de tesouros sem valor,
A olhar pro céu
Em busca de uma intervenção divina.

A ansiedade é um barco sem velas.
E quando vem a calmaria,
Estamos sós em alto mar,
E quando vem a tempestade
A indesejável se apresenta,

Há entre esses tripulantes maltrapilhos
Alguém que possa resistir
Ao flerte de Shinigami?
Sirva-me mais uma taça do vinho do delírio
E permita que eu me assente ao teu lado.

No jardim da ilusão meu ser foi semeado,
Lá cresci e de lá fui arrancado.
Certa vez disse-me a morte:
Tu como pode saber o que é doce
Sem ter provado do amargo.

A máquina não para

Vai o ser pensante,
Com seus passos apressados,
Seu corpo envergado,
Com o peso do mundo nas costas.

Corpos se cruzam,
Cruzam-se os corpos,
Um corpo na cruz a servir de exemplo,
Corpos cruzados.

Um corpo caído no chão
É tropeço para pés apressados.
A máquina precisa de corpos
Corpos doentes e violados.

Pequena Semente

A ti foi revelado o segredo contido no verbo,
a palavra flutua no vento
porque é o próprio vento,
o vento vai aonde quer.
Tu és como o vento,
percorre as enormes muralhas,
dança no deserto,
filhas e filhos do fogo.
tuas lágrimas,
eu poderia jurar ser uma tempestade.
No entanto,
é na terra que a tua história começa
pequena semente.

Angústia

Um cigarro intragável
Raiva de um "num sei o que"
Mil mundos se enfurecem dentro mim
Não ouse perguntar o porquê.

Vou a galope
A contra pelo
Como quem desesperado,
Foge do desespero.

Entregue a laquera infernal
Da minha mente.
Curumim
No mundo de matéria
Necessita ser valente.

Ao pisar na terra tenha reverência

Minha mãe, como eu devo amar?
_ Acaso quando tu pisas na terra
Tu sente ela desmoronar
Sobre os teus pés?

Assim, cada passo firmado na terra
É um gesto de amor.
Assim, o amor por tudo transita.

Seja o teu amor como o ar que enche
Os teus pulmões, contínuo e vital.

O teu próximo é o todo ao seu entorno.
Assim, ame também a terra, os rios
Os seres e tudo que há aqui.

Não há segredo que não possa ser revelado
Assim, seja o teu amar a tua razão de existir.

Aqui estou!

A contemplar o passar das horas,
Passam por mim os passantes
Nessa ânsia sem fim,
Findar do instante.

No palco da existência
Cenários fantasmagóricos
Dão lugar a manhãs ensolaradas
E cheiro de café.

Um dia como esse é digno de se registrar,
Uma verdadeira obra prima,
Como o olhar da menina
Abismada com a imensidão do luar.